

SOLIDÃO E ÉTICA DA RESPONSABILIDADE EM GRACILIANO¹

Carlos Alberto Alves de Souza²
(Mestrando/PPGH-UFCG)
carlosalvesbrasil@yahoo.com.br

Esse texto lida com um dos pontos de minha dissertação de mestrado, então, ele é apenas o resultado de um estudo conceitual da relação da solidão e ética no romance *Angústia*, do Graciliano Ramos. Dito isso, não se pode esperar nada além.

Ele³ vive em uma casa de sala escura, traz como companhia apenas uma velha senhora chamada Vitória de aparência extremamente desagradável, ela fala pouco e pelo visto é muito infeliz, mas é quem o ajuda nas atividades do lar, além de um papagaio que distrai um pouco a velha Vitória. Lá a solidão é angustiante, mas ela não o impede de responder em função do outro por seu direito de ser, nem imaginem que seja por função de alguma entidade jurídica, mas por função do temor a outrem, esse outrem não tem nome, por isso ele é apagado, para que “eu” veja o seu rosto sem face, não respondo a ele por meio de nenhuma consciência intencional. Exatamente. Nenhuma consciência intencional no campo da análise ética nos termos do Lévinas. Pois é a partir da linguagem que o filósofo Lituano enxerga a relação ética entre o eu e o Outro, no caso aqui estudado, entre a solidão do narrador personagem de *angústia* e o Outro. Diferentemente daquela lógica da intencionalidade da consciência onde o Outro é representado pela consciência. A linguagem é a expressão do exterior, do infinito...

O outro está do outro lado da rua, exposto e indefeso, ele aborda Luis da Silva, mesmo sem saber que o aborda no face a face. Por meio da linguagem esse Outro cobra o significado da existência de Luis de sua presença como responsabilidade intransferível, pois eis esse o segredo da sociabilidade Lévinasiana, o não deixar o Outro homem só, se há o “Eis-me aqui!” é para responder à suplica de Outrem. Embora

¹ Essa pesquisa está sendo financiada pela CAPES

² Orientador: Alarcon Agra do Ó

³ Me refiro ao Luis da Silva, personagem narrador do romance aqui analisado

Luis da Silva sempre esteja só, embora ele não acredite mais no humano, pois o humano parece não responder as suas suplicas, ele está a responder o chamado de outrem. Diz o narrador personagem; “defronte da minha casa veio morar uma família esquisita, que não se relacionou com a vizinhança: um velho barbudo, encolhido, e três moças amarelas, sujas, malvestidas, ruivas e arrepiadas.”⁴ É instigante que esse homem de nome desconhecido, e ignorado clama por ajuda aos olhos de Luis, pois todos queriam antes de entendê-lo, acusá-lo de ser pai e amante das filhas. “O homem, de nome ignorado, andava olhando os pés, carrancudo, e não cumprimentava ninguém. Às vezes surgia a figura de uma das moças à janela; mas se alguém aparecia na rua, o postigo se fechava silenciosamente.”⁵

Não se vendo ninguém dessa família fora de casa, se vendo apenas o silêncio misterioso, o isolamento, a ausência de cumprimentos e idas a igreja, enfim, ausência de uma cotidianidade marcada pelo idêntico, é levantada (acusações) por um olhar que antes de responder por meio da ética responde apenas por meio daquela consciência ancorada naquilo que ela se limita representar, “queria saber que espécie de gente é aquela, resmungava d. Adélia. Só bicho.”⁶ Seu Antônio tinha a mesma percepção de Dona Adélia. Outro dia d. Mercedes questionou se Luis não tinha conhecimento daquele mistério. Já Antônia exclamou cuspidando: “Comer três filhas! Que lobisomem! Daí em diante o velho se chamou Lobisomem.”⁷

É de sua vida infeliz, de poucos amigos e de muita tristeza, que Luis da Silva é chamado a responder aquele rosto exposto a morte e indefeso, pois o Rosto é discurso “impõe-se a mim sem que eu possa permanecer surdo ao seu apelo, ou esquecer-lo, quer dizer, sem que eu possa cessar de ser responsável por sua miséria. A consciência perde a sua prioridade”.⁸ Diante o rosto, relata Luis:

Cachorro! Lobisomem continuava como tinha chegado, indiferente, a cara enferrujada, tão distraído que esbarrava com as pessoas, e os chauffeurs paravam os autos violentamente para não atropelá-lo. E as filhas, coitadas, amarelas, feias, nem se penteavam. Saberiam alguma coisa? Talvez não soubessem. Ao mudar-se para ali, certamente já traziam uma carga de infelicidades. E era possível que houvessem percebido fragmentos de horrores, gestos de desprezo, pilhérias ladradas na rua. Pobre do Lobisomem! Não tinha hora para sair, hora para

⁴ Ramos, Angústia, p.77

⁵ Idem

⁶ Idem

⁷ Idem

⁸ Lévinas, Humanismo do Outro homem. Petrópolis: Vozes. 1993, p.60

chegar. Sempre só. Nem um guarda-chuva, nem uma bengala, trastes necessários a homem tão curvado. Ora para um lado, ora para outro, sem destino. Que vida! Nem um hábito. Esta idéia de uma pessoa viver sem hábitos era para mim extremamente dolorosa. Apesar de haver atravessado uma existência horrível, sempre encontrara nela, mesmo nos tempos mais duros, ocupações que me entretinham. Comparava-me a Lobisomem. Eu era quase feliz, e a comparação me atenazava.⁹

O que se acabou de citar foi o temor “a injustiça mais que a morte, de preferir a injustiça sofrida à injustiça cometida, de preferir o que justifica o Ser aquilo que o garante. Ser ou não Ser, provavelmente não é aí que está à questão por excelência.”¹⁰

O que se viu na narrativa do Graciliano, foi o debate do Dasein heideggeriano. Aquele debate que dilui e encerra a morada da consciência como interioridade fechada em si mesma, marcada por uma subjetividade aberta aos objetos percebidos, é só por sua abertura ao mundo que Luis da Silva enquanto Dasein, consegue responder ao chamado do Rosto talhado por injustiça, ele só consegue responder por que o ego husserliano foi destruído pelo exterior da existência exposta ao mundo, no meio do mundo, fora... “O Dasein está originariamente fora, tendo abandonado toda reserva, toda tela que desse a entender que há um “dentro””.¹¹ Mais do que isso, mais do que a relação do personagem narrador visto como Dasein, finito, solitário e problemático, está o semblante triste do outro de mãos estendidas para este Dasein, esse semblante está situado bem ali no rosto onde o infinito atravessa. Diante este rosto a postura de Luis não poderei ser outra, senão a sua resposta, e a sua resposta é dada através de um exemplo de injustiça por ele conhecido.

Lembrava-me de outro indivíduo infeliz, um sertanejo que vi há muitos anos, quando ele saía da prisão depois de cumprir sentença. Era um cearense esfomeado que tinha aparecido na vila em tempo de seca. Esmolambado, cheio de feridas, trazia escanchada no pescoço uma filhinha de quatro anos. Tinham ido morar na rua das putas e viviam de esmolas. Um dia as vizinhas ouviram gritos na casinha de palha e taipa que eles ocupavam. Juntaram-se curiosos, olharam por um buraco da parede e viram o homem na esteira, nu, abrindo à força as pernas da filha nua, ensangüentada. Arrombaram a porta, passaram o homem na embira, deram-lhe pancada de criar bicho - e ele confessou, debaixo do zinco, meio morto, que tinha estuprado a menina. Processo, condenação no júri. Anos depois os médicos examinaram a pequena: estava inteirinha. O que havia era sujidade e um corrimento. Tratando a doença da filha com remédios

⁹ RAMOS, Angústia, p. 79

¹⁰ LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós - ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, Vozes, 1997. p. 177.

¹¹ DEBRAZ, Natalie. Compreender Husserl, Petrópolis, vozes, 2007. p.90

brutos da medicina sertaneja, o homem tinha sido preso, espancado, julgado e condenado.¹²

O Rosto é esse enigma, por isso deve ter o seu mistério respeitado, o enigma é o irrepresentável, então o rosto como enigma é apenas chamado ético, é aquilo que só nos chega como mistério, nunca encontramos sentido no aparecer fenomênico, pois embora o rosto pareça bem próximo do ser a sua dimensão ética é expressão do infinito. O rosto perturba a ordem, como víamos nas páginas romanescas do Graciliano, tudo parecia está ordenado, mas o chamado ético do rosto invade o langor ontológico do Luis da Silva.

Aqui não se trata de uma interpretação exagerada da ética, pois como bem é visto, ali estava Luis situado em algum lugar do seu mundo, sempre sozinho, apegado ao fracasso, tão infeliz por sua realidade de bicho da cidade, tão ferido por não ser lisonjeado, por sentir gosto de lama na boca¹³. (“Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.”¹⁴) E mesmo assim, é desse lugar nomeado de sótão interior, que ele responde ao chamado da ética exposta no Rosto do outro, o lugar do ser, do seu ser não suporta a intriga ética, pois no rosto do outro está instaurado um mandamento que está para além do ser. Parecia o mundo ontológico de Luis da Silva está territorializado, morada da solidão onde nada mais além de si existia, presente sincrônico e estável, quando é desorganizado pela visitaçã do rosto, do senhor que estava sendo julgado por um “júri popular”; me refiro ao “senhor lobisomem.”

Na “coleção Fortuna crítica volume dois”, seleções de textos publicado em 1978, que tinha como tema a obra do Graciliano Ramos, localizo o texto “Solidão e Luta em Graciliano Ramos, neste, a autora abre a sua narrativa com a seguinte citação do Ramos: “a multidão é hostil e terrível. “Raramente percebo qualquer coisa que se relacione comigo.”¹⁵ Segue a autora utilizando o conceito de cogito fenomenológico, revisitando Sartre, afirma que o motivo gerador do esmagamento das personagens em “Angústia” se

¹² RAMOS, Angústia, p. 81

¹⁴ RAMOS, Angústia, p. 08

¹⁵ COELHO, Nelly Novaes. In BRAYNER, Sônia. Coleção Fortuna Crítica 2: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

atribui a consciência do isolamento. A autora utilizando com muita ênfase o conceito de representação nos diz que na obra do Ramos está vivo o drama humano da solidão, e que este foi um escritor que sentiu de forma muito profunda os problemas que chegam ao homem do século XX. Me parece que a autora tentou ler Luis da Silva com os mesmos olhos que leu Roquentin. Porém os problemas enfrentados por Ramos não foram os mesmos enfrentados por Sartre. Sei que Roquentin personagem da *Náusea*¹⁶ é um desencantado pela sociedade e as condições do humano, sei que Roquentin parte de uma aversão a condição existencial da náusea, também sei que Luis da Silva, partia de alguns pontos com esses semelhantes, mas sei que Roquentin não viveu em Palmeira dos Índios, nem no Rio de Janeiro, nem foi vítima da “era Vargas”.

Fica um tanto complicado sustentar o argumento de que as personagens gracilianas vivem em “uma obsessão que os espicaça a lutar surdamente contra algo.”¹⁷ Pois a luta é para também ser ouvido, é o caso de Luis, o caso de Vitória, pois “são todos eles lutadores solitários. Nessa luta encarniçada contra os obstáculos estão todos absolutamente sós, isolados, sem entrar em comunhão com ninguém.”¹⁸ Eis Vitória com as orelhas amordaçadas e a face pronta a ser acolhida, ouvida. Ela conversa com o papagaio e ele nada diz, obviamente, pois até o animal é surdo, “quando se cansa, agarra o jornal e lê com atenção os nomes dos que saem. Nunca embarcou, sempre viveu em Maceió, mas tem o espírito cheio de barcos. Dá-me freqüentemente notícias do gênero: — O Pedro II chega amanhã.”¹⁹ Segue Luis da Silva,

Não sei como se pode capacitar de que a comunicação me interessa. Há três anos, quando a conheci, a mania dela me espantava. Agora estou habituado. Leio o jornal e deixo-o em cima da mesa, dobrado na página em que se publica o movimento do porto. Vitória toma a folha e vai para a cozinha ler ao papagaio a lista dos viajantes.²⁰

Existe um vestígio no rosto do outro (esse vestígio passa pelo rosto de Vitória), a esse vestígio Lévinas chama de vestígio de um “Ele”, ou seja, um terceiro que se põe na relação estabelecida entre o eu e o Outro. Questiona Freire: “O “Ele” que se mostra

¹⁶ SARTRE, J. P. *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

¹⁷ COELHO, 1978, p. 62

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ RAMOS, 2007, p. 35.

²⁰ *Idem*.

como vestígio no Rosto, essa “eleidade”, seria a revelação de Deus? Dito de outra maneira: o Rosto seria a imagem de Deus? ”²¹ E a resposta é dada por Lévinas:

O Deus que passou não é o modelo de que o rosto seria a imagem. Ser à imagem de Deus não significa ser o ícone de Deus, mas encontrar-se no seu rasto. O Deus revelado da nossa espiritualidade judaico-cristã conserva todo o infinito da sua ausência que existe na própria ordem pessoal. Ele mostra-se apenas pelo seu vestígio, como no capítulo 33 do Êxodo. Ir na Sua direção não é seguir esse vestígio que não é um sinal, é ir na direção dos Outros que se mantêm nessa pista.²²

‘Ele só é ele mesmo e encontra todas as suas forças no instante em que se sente abandonado por tudo aquilo de que, no entanto necessita.’²³ É o vazio de que tanto falava alguns críticos do Graciliano, e de que fala Blanchot de forma tão “impessoal”. É necessário o encontro do vazio. Ela precisa encontrar o vazio afirma Blanchot para falar de Virginia Wolf, o vazio é ‘a grande agonia’, ‘o terror da solidão’, ‘o horror de contemplar o fundo da alma’, pois é a partir desse vazio que as coisas mais humildes podem ser vistas, é a partir desse vazio que aquilo que a própria Virginia chama de realidade, pode ser captada. “A atração do momento puro, a cintilação insignificante e abstrata que não dura, nada revela e volta ao vazio que ela ilumina.”²⁴ Talvez seja esse vazio na obra graciliana, confundido com um caminhar modelado pela sombra do próprio ser, mas não é, o vazio talha a ética em seus passos.

Existe²⁵ um olhar que paralisa o texto do Graciliano ao campo do ser dobrado para dentro da própria consciência egoísta, talvez por não está aberto para ver a nuance catalisadora, a conversão ética pela qual esse texto se movimenta. Nesse sentido, é curiosa a afirmação de Coelho, quando afirma que Luis da Silva vislumbrava a comunicação humana, pois Marina seria a realização disso; tudo bem, até aí concordo, pois Marina seria um espécie de intercessora uma força que o surpreende, que engana por algum tempo a sua solidão. Concordo que diante das decepções que ele viveu com a traição dela (Marina), ele ficou frustrado, ressentido um verdadeiro homem do ressentimento²⁶, mas percebo uma ausência de cautela na crítica feita por Coelho a

²¹ FREIRE, 2007. 66

²² LÉVINAS, Emmanuel. Descobrindo a existência, com Husserl e Heidegger, Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 245.

²³ BLANCHOT, Maurice. O livro Por Vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 144

²⁴ Idem.

²⁵ COELHO, 1978, é um exemplo disso.

²⁶ Conferir, DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

Ramos, quando afirma o seguinte: “esta malograda tentativa de lançar uma ponte entre ele e os homens só fez exacerbar o seu isolamento e Luis da Silva prossegue solitário, em meio aos fantasmas da memória, um revoltado contra os homens, um condenado a solidão e à... angústia”²⁷ O fato de Luis da Silva passar por vários momentos da obra desacreditado do humano, entrando em um isolamento que não era proposital, não o impedia de traçar do seu abismo solitário uma relação ética, de ver no Rosto da pessoa mais estranha a possibilidade de comunhão, comunhão, não de união... mas de acolhimento, sem interrogações, comunhão de pura hospitalidade.²⁸

Afirma Coelho: todas as personagens gracilianas são igualmente solitárias, “isoladas, incompreendidas. E ao indagarmos, por quê? Damo-nos conta repentinamente de que Graciliano não acreditava na única força que pode ajudar o homem a romper a solidão e a integrá-lo na comunhão com o próximo.”²⁹ Segue a autora com seu debate de influência sartreana, “Graciliano não devia acreditar na possibilidade de o Amor existir. Daí a solidão, daí a luta egoística que mantêm todas as suas personagens para afirmarem-se como “pessoas humanas” e terminarem interiormente fracassadas, pois não há vitória para o homem, se ela não vem ligada ao outro.”³⁰ Completa a autora: “não duvidamos de que é só através do amor e da amizade, que é uma forma do mais puro amor, que o homem pode escapar à rede de sua solidão e sair de si mesmo ao encontro do irmão e viver enfim a existência autêntica.”³¹

Ingênua a forma de Coelho imaginar o encontro do Ser com o Outro, mais ingênua é imaginar que o Outro não tenha sido preocupação do pensamento do Ramos. “Entendemos” o Outro não trazendo para o nosso mundo, mas mantendo o seu mistério, o encontro do Outro no pensamento do Graciliano Ramos, ou do Luis da Silva vendo através dos olhos do Ramos, é localizado em diversas figuras: em Vitória, em seu Ivo espécie de nômade que sempre chega à porta de Luis com os olhos desolados e as mãos abertas, pedindo alimento, na figura do homem triste e da mulher magra que todos os dias lava garrafas, diferentemente do que Coelho afirmava, o encontro com o Outro é traçado em Angústia, levando o pensamento pensar o impensável, caminhar o limitado

²⁷ COELHO, 1978, p. 65

²⁸ Talvez, como o número de páginas desse texto é limitado, deixe em alguns momentos a narrativa, sem argumentos, então sugiro conferir, RAMOS, 2007, p. 96-101, para então o argumento ser mais pontual.

²⁹ COELHO, 1978, p. 66.

³⁰ idem

³¹ Idem.

até o ilimitado das estruturas ontológicas. O encontro com o Outro não é de reconhecimento nem de compreensão, mas de pura violência, da distância violenta existente entre todos, essa distância mantém a diferença de cada um, talvez instaure um isolamento consigo mesmo, mas abertura infinita com o Outro...

Observando os manejos da Vitória, diz Luis, “ da minha cadeira vejo-lhe o cocó grisalho, a cabeça curva, atenta sobre a terra que escava, fingindo tratar dos canteiros ou fincar as estacas da cerca.”³² Ali quando o solitário observa a silenciosa e enigmática Vitória, ele sabe que a abertura feita no solo, tinha como fim receber as moedas que está furtava dele mesmo par ali enterrá-las, e ele nada fazia para impedi-la. Diz ele; “A voz é áspera e desdentada. E, acompanhando a cadencia, tremem as pelancas do pescoço engelhado como um pescoço de peru, tremem os pêlos do buço e as duas verrugas escuras. É terrivelmente feia.”³³ Portanto, como pode Luis da Silva, isto é, o eu interpretado como egoístico, entrar em relação com o Outro? Pois o silêncio diante um comportamento tão estranho é uma resposta, é uma forma de responsabilidade ética, calar em algumas situações é falar, é já responder a superioridade da face do Outro, e mais uma vez o argumento de um marca de egoísmo nessa obra, defendido por Coelho, é problematizado pela própria narrativa encontrada em Angústia.

O que nos diz o Rosto do Outro? Talvez fosse essa a questão pululante em “Angústia”, é do alto que este Rosto vem, ele escapa, transcende a nossa capacidade de compreensão. A ele, a este Outro estou aos pés. “O sentido do Outro não é uma compreensão minha. Antes, ele próprio é o primeiro significante, origem de todo sentido. Portanto, há no Outro um surplus em relação ao Mesmo, Isto é, o Outro é sempre mais que o mesmo. No Rosto se exhibe toda desmesura da alteridade.”³⁴ O Rosto vem do infinito, o Rosto não sou eu, portanto é infinito. O que é a idéia de infinito em Ramos, senão a relação ética que se posta entre o Mesmo e o Outro, onde o brilho cintilante é marcado pela justiça e responsabilidade, o infinito o Outro, impõem limites aos meus poderes, ao meu Ser. O infinito é brilho, é luz da exterioridade absoluta de que fala Michel Foucault. Essa relação é vista em Angústia, quando Luis da Silva estando extremamente magoado e desconfiado de que estaria sendo traído pela noiva Marina

³² RAMOS, 2007, p. 36

³³ Idem, p. 37

³⁴ FREIRE, 2007, p. 74

com o seu colega Julião Tavares. Diante de toda cena de ciúme³⁵, de sofrimento, de exclusão, ele sai às ruas e pára em uma espécie de banca. Diz ele: “Às onze horas achava-me encostado a uma banca do Helvética, bebendo aguardente e não distinguindo bem as pessoas que se serviam nas outras mesas, funcionários, políticos, negociantes, choferes, prostitutas.” Continua ele, “uma criaturinha magra empurrou uma das portinholas que dão para a Igreja do Livramento, avançou demanso. Ninguém lhe prestou atenção. - Pst. Senta aí. Chegou-se acanhada e esperou a repetição do convite. - Senta aí.”

É nessa necessidade de ser carinhoso, de dar as boas vindas ao Outro, que o eu lévinasiano é localizado em Angústia, pois, ninguém prestou atenção aquela criatura, (dizia Luis da Silva), mas se ninguém prestou atenção, ele sentia-se o mais responsável de todos, os humanos. “No entanto, o eu de Lévinas não tem nenhuma escolha nessa questão: ele não escolhe reagir à demanda da outra pessoa por caridade e nem sequer escolhe o que fazer para ser caridoso.”³⁶ Não trata-se de responder a alguma racionalidade de contornos universais, o Outro, não é preciso fazer sentido para o eu, não é nem necessário que esse Outro tenha importância para o eu. É retomando a conversa de Luis da Silva com a moça desconhecida que se cria uma rede de sentido com o que vem sendo debatido: “Sentou-se. O peito era uma tábua, os braços finos, as pernas uns cambitos, que nem sei como agüentavam o corpo. A carinha não era feia, talvez tivesse sido bonita.” Continua: “- Beba alguma coisa. - Não, muito obrigada. E espalhou a vista pelas mesas. - Procurando alguém? - Era. Parece que ele hoje não vem. Já é tão tarde! - Onde mora? - Aqui na Rua da Lama. É perto. E mostrou a chave que trazia na mão.”

Mesmo ela recusando o convite, ele insiste que ela beba alguma coisa, pois o “eu levinasiano apenas responde ofegante ao exigente outro em uma rede opressiva de responsabilidade das quais ele pode nem estar totalmente consciente.”³⁷ Continua Luis da Silva: “- Beba alguma coisa, insisti. - Não senhor, eu não bebo. Tossia e olhava a porta da cozinha. - Um petisco. Pimentel entrou na sala e perguntou-me ao ouvido: -

³⁵BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*, São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 69. Diz: como ciumento, sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovo por sê-lo, porque temo que meu ciúme fira o outro, porque me deixo sujeitar por uma banalidade: sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum.

³⁶HUTCHENS, B.C. *Compreender Lévinas*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 50

Onde arranjou esse canhão? Coitadinha. Não era feia, o que estava era estragada. - Aceite.” Segue Luis olhando apenas para o brilho da exterioridade encontrada no Rosto, pois o Rosto demole a idéia que dele o social formula, o Rosto abriga o infinito e o seu sentido não é atribuído pelo o Eu.

A criatura hesitava, afogueada. Afinal se resolveu: - Muito obrigada. Eu aceito. O senhor vai comigo, não? E aqui pertinho. Comeu de cabeça baixa, em silêncio, e repetiu o prato. Só falou ao terminar o café: - Vamos? Meti a mão no bolso e lembrei-me de que me restava uma cédula de vinte mil-réis. Recebi o troco e levantei-me. - Vai comigo? tornou a perguntar a mulher. Bebi o resto da aguardente: - Vamos lá. No quartinho sujo a rapariga despiu-se e veio abraçar-me desajeitada. O cabelo tinha um óleo de cheiro enjoativo. - Esteja quieta. E afastei-me, sentei-me na cama, sem tirar o chapéu. Ela acomodou-se, as pernas cruzadas, os braços cruzados escondendo os peitos bambos. Curvada, mostrava apenas um pedaço da barriga engelhada e escura.- Anda na vida há muito tempo? - Nem por isso. Quatro anos. - An. Quatro anos. E ali estava aquela carcaça comida pelo treponema. Panos caídos no chão, o irrigador com permanganato. Na mesinha da cabeceira essências ordinárias disfarçavam um cheiro forte de esperma. Tive necessidade de fumar. Encontrei cigarros, mas procurei fósforos em todos os bolsos, e o que achei foi o pacote com as caixinhas de veludo - o relógio-pulseira e o anel. - Faz o obséquo de me arranjar uma caixa de fósforos?A mulher levantou-se. Escanzelada, coxas finas com marcas de varizes, nádegas murchas. Chi! que peleiro! - Muito obrigado. Acendi o cigarro. A mulher sentou-se junto de mim e começou o seu trabalho de abraços, beijos, etc- Esteja quieta. Meti a mão no bolso, senti através do papel de seda a macieza do veludo. A fita do relógio faria uma cinta negra no braço roliço, um braço macio como veludo. Os beijos começavam no pulso, onde a fita se enrolaria. O tique-taque seria do relógio ou do sangue correndo na artéria? Na escuridão do quintal os meus beijos avançavam na pele, que se cobria de borbulhas pequenas como pontas de alfinetes. - Sempre foi assim magra? - Ah! não! respondeu a mulher ocultando as pelancas dos peitos com os cotovelos ossudos. Era cheia, gordinha. Acariciei com as pontas dos dedos o papel de seda. A mulher bocejava, caceteada. Que horas seriam? Tal vez uma hora. (...) ³⁸

Não é sem razão que aqui se afirma a relação ética da solidão em Angústia, pois o conhecimento aqui, não reduz o Outro ao seu mundo, antes, esta relação traz um traço de justiça e hospitalidade, acolhimento ao Rosto, o Outro é desejo insaciável, insaciável porque não é aquilo que é necessário e depois de consumido se acalma com a posse, “a estrutura do desejo é outra. O desejo “alimenta-se” de sua própria fome, da ausência daquilo à que se aspira. Nesse sentido, o Outro só pode ser “objeto” de desejo, para além de qualquer satisfação, enquanto conteúdo dessa satisfação.”³⁹

³⁸ RAMOS, 2007,p. 96-101.

³⁹ FREIRE, 2007, p. 81

Bibliografia

- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**, São Paulo: Martins Fontes, 2007
- BLANCHOT, Maurice. **O livro Por Vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. In BRAYNER, Sônia. **Coleção Fortuna Crítica 2: Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Petrópolis, vozes, 2007
- DUBOIS Christian. **Heidegger – Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FREIRE, Wesley Fernandes Araujo. **A significação ética do rosto em Emmanuel Lévinas**. Fortaleza/CE: Dissertação: CMAF/UFC, 2007.
- HUTCHENS, B.C. **Compreender Lévinas**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência, com Husserl e Heidegger**, Lisboa: Instituto Piaget, 1997
- _____. **Deus a morte e o tempo**. Coimbra: Almedina, 2003.p, 23
- _____. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 2007
- _____. **Entre nós - ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- _____. **Humanismo do Outro homem**. Petrópolis: Vozes. 1993, p.60
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SILVA, Salvelina da Silva. **Os modos de Ser em Sartre, Camus e Graciliano Ramos E A Alteridade Radical**. Florianópolis/ SC: Dissertação: PPGL/UFSC, 2003
- TAHIM, Demetrius Oliveira. **Rosto e ética no pensamento de Emanuel Lévinas**. Porto Alegre: Dissertação: PPGF/PUC-RS, 2008.